

Deviam de ocorrer-lhe ideias aflitivas, que os romancistas raras vezes atribuem aos seus heróis. Nos romances todas as crises se explicam, menos a crise ignóbil da falta de dinheiro. Entendem os novelistas que a matéria é baixa e plebeia. O estilo vai de má vontade para coisas raras. Balzac fala muito em dinheiro; mas dinheiro a milhões: não conheço, nos cinquenta livros que tenho dele, um galã num entre ato da sua tragédia a cismar no modo de arranjar uma quantia com que um usurário lhe lança, desde a casa do juiz de paz a todas as esquinas, donde o assaltam o capital e o juro de oitenta por cento. Disto é que os mestres em romances se escapam sempre.(...)

Pois eu já lhes fiz saber, leitores, pela boca de mestre João, que o filho do corregedor não tinha dinheiro

(*Amor de Perdição*, de 1862)

Cumpre-me declarar que eu não intentei ridicularizar a Escola Realista. Quando apareceram *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e os romances de Teixeira de Queirós, admirei-os, e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. Creio que, hoje em dia, novela escrita doutro feitio, não vinga. Eu não conhecia Zola e ainda agora apenas e escassamente o conheço de o ouvir apreciar a uma pessoa de minha família que me fez compreender a Escola com duas palavras: «É a tua velha Escola com uma adjetivação de casta estrangeira, e uma profusão de ciência compreendida na "Introdução aos três reinos". Além disso tens de pôr a fisiologia onde os românticos punham a sentimentalidade: derivar a moral das bossas, e subordinar à fatalidade o que, pelos velhos processos, se imputava à educação e à responsabilidade. » Compreendi, e achei que eu, há vinte e cinco anos, já assim pensava, quando Balzac tinha em mim o mais inábil e ordinário dos seus discípulos

(Prefácio à segunda edição de *Eusébio Macário*, 1879)

O romance *Onde está a felicidade?* Apareceu em 1856. Literariamente, demarca a *segunda maneira* de Camilo como romancista.

O fecundo escritor principiou pelo romance de imaginação tenebroso e complicado (...) navegando no rumo explorado por Victor Hugo e Eugênio Sue (...)

Foi a leitura de Balzac, na *Comédie humaine*, que lhe sugeriu o caminho a seguir(...)?

Por sua vez criou outra “Comédia humana”, a dos portugueses, a nossa (...).

Camilo introduziu, pois, em Portugal a escola de Balzac.

(Pimentel, Alberto. *O romance do romancista*, 1890)

Camilo foi o Balzac que a nossa literatura não teve, perdeu-se nele a oportunidade do Balzac português. Há quem pense que Camilo tinha mesmo condições pessoais para ser o Balzac português, e há quem suponha o contrário, mas o problema não está aí (...), o que sempre se lamenta é o lugar de um Balzac português que *por causa de Camilo* a nossa literatura desperdiçou.

(Baptista, Abel Barros, *Camilo e a revolução camiliana*, 1988)